

estava em jejum. E depois enrolou uma rede em volta do corpo, de modo que não estava

Nem nua,
Nem vestida.

Depois pegou um carneiro e montou nele, de modo que seus pés se arrastavam pelo chão. E assim seguiu seu caminho, e não estava

Nem dirigindo um veículo
Nem cavalgando um animal.
Nem andando a pé,
Nem deslizando.

E era na hora do crepúsculo, entre o dia e a noite.

Quando chegou perto dos guardas, pediu para ser admitida no castelo e falar com o príncipe, mas eles não a deixaram entrar porque ela estava muito estranha. Mas o príncipe acordou com a algazarra e foi até a janela. Ela conseguiu abrir caminho; arrancou um dos chifres do carneiro e, ficando de pé nas costas do animal, bateu com o chifre na janela. O príncipe teve de abrir e fazer dela a sua princesa.

(ASBJØRNSEN)

O URSO BRANCO

Era uma vez, há muito tempo atrás, um rei que tinha duas filhas feias e más, mas a terceira era tão meiga e linda quanto um dia de sol, e o rei e todos gostavam dela. Certo dia ela sonhou com uma coroa de ouro que era tão linda que a moça não podia mais viver sem ela. Mas, como não tinha como obtê-la, começou a se lamentar e, depois de algum tempo, deixou de falar, de tanta tristeza. Quando o rei ficou sabendo que a princesa estava naquele estado por causa de uma coroa, achou que podia mandar fazer uma quase igual àquela com que a princesa sonhara, e convocou os ourives de todos os países do mundo e pediu-lhes que fizessem a tal coroa. Eles trabalharam dia e noite, mas algumas coroas a princesa jogou fora e, para outras, nem sequer olhou. Certo dia, quando estava na floresta, avistou um urso branco que tinha entre as patas a coroa com a qual sonhara, e o animal brincava com ela. A princesa quis então comprá-la.

Não! Não estava à venda, só podia ser obtida em troca de sua pessoa. Bem, não valia mesmo a pena viver sem ela, disse a moça; pouco lhe importava para onde ia ou com quem, desde que tivesse a coroa. E então combinaram que ele viria buscá-la daí a três dias, que seria numa quinta-feira.

Quando chegou em casa com a coroa, todos ficaram satisfeitos porque ela estava feliz outra vez, e o rei achou que seria fácil manter o urso branco à distância. No terceiro dia, todo o seu exército estava a postos em volta do castelo para enfrentá-lo. Mas quando o urso branco chegou, ninguém conseguiu vencê-lo, pois as armas não tinham efeito nenhum sobre ele. O urso branco golpeou e socou à esquerda e à direita, até estarem todos caídos no chão em pilhas. Aquela história, pensou o rei, estava se revelando absolutamente desastrosa; então mandou-lhe a filha mais velha; o urso branco partiu com ela nas costas como se fosse uma flecha.

Depois de viajarem muito, muito tempo, o urso branco perguntou:

“Já sentou alguma vez em algo mais macio, já enxergou algum dia com mais clareza?”

“Sim, o colo de minha mãe era mais macio, e na corte de meu pai eu enxergava com mais clareza”, respondeu ela.

“Bem, então você não é a pessoa certa”, disse o urso branco, e levou-a novamente para casa.

Na quinta-feira seguinte ele voltou e fez exatamente o que fizera antes. O exército estava a postos com ordens de matar o urso branco. Mas nem ferro nem aço o feriam, de modo que ele esmagava todos como se fossem grama, até que o rei teve de lhe pedir que parasse. E então mandou-lhe sua filha do meio; o urso branco partiu com ela nas costas rápido como uma flecha.

Depois de viajarem durante muito, muito tempo, o urso branco perguntou à moça:

“Já sentou alguma vez em algo mais macio, já enxergou algum dia com mais clareza?”

“Sim”, disse ela, “na corte de meu pai eu enxergava com mais clareza e o colo de minha mãe era mais macio que você.”

“Bem, então você não é a pessoa certa”, disse o urso branco, e levou-a de volta para casa.

Na terceira quinta-feira, ele voltou de novo. Dessa vez lutou mais arduamente que antes, até o rei concluir que não poderia deixar que arrasasse todo o seu exército e, então, deu-lhe sua filha caçula. O urso partiu com ela nas costas e viajou para muito, muito longe, e mais longe ainda, e quando chegaram à floresta, ele lhe perguntou, como perguntara às outras, se alguma vez tinha sentado em algo mais macio e enxergado com mais clareza.

“Não, nunca!”, disse ela.

“Bem, você é a pessoa certa”, disse ele.

Chegaram então a um castelo que era tão magnífico, que perto dele o de seu pai parecia um casbre miserável. Ali ela devia ficar e viver bem, e não teria nada mais a fazer além de vigiar o fogo, para que nunca se apagasse. O urso ausentava-se durante o dia, mas, à noite, quando estava com ela, transformava-se em homem. Durante três anos tudo correu às mil maravilhas. Mas todo ano ela tinha um filho, que, assim que chegava ao mundo, o urso o levava embora. Com isso ela foi ficando cada vez mais triste, e um dia perguntou-lhe se podia ir à casa dos pais visitá-los. Sim, não havia objeção alguma àquilo; mas antes ela tinha de prometer que ouviria o que seu pai lhe dissesse e não faria nada

que a mãe lhe pedisse. Em casa, quando a sós com seus pais, a princesa contou-lhes como estava vivendo. A mãe quis lhe dar uma vela para que ela pudesse ver como era o urso branco, quando à noite ele se transformava em homem. Mas o pai disse que não, que ela não devia fazer uma coisa daquelas:

“Isso só vai lhe trazer problemas.”

Mas, pelo sim, pelo não, ela acabou levando a vela quando foi embora. A primeira coisa que fez, quando ele caiu no sono, foi acendê-la e iluminá-lo. Era tão belo que ela pensou que nunca mais conseguiria tirar os olhos dele; mas, enquanto segurava a vela, uma gota de cera derretida caiu-lhe na testa, e ele acordou.

“O que foi que você fez?”, perguntou ele. “Agora você trouxe a desgraça para nós dois. Faltava somente um mês; se você tivesse se controlado, eu teria sido libertado, pois uma velha troll me enfeitiçou, de modo que tenho de ser um urso branco durante o dia. Mas agora tudo acabou entre nós. Agora tenho de me casar com ela.”

A moça chorou e se lamentou, mas ele tinha de ir, e foi. Então ela lhe perguntou se podia ir junto. Aquilo estava fora de questão, disse ele, mas quando ele se transformou novamente em urso, ela agarrou-se aos pêlos mesmo assim, pulou para suas costas e segurou firme. Então eles saíram voando sobre montanhas e colinas, atravessaram bosques e florestas, as roupas dela se esfarraparam e de tão exausta ela se soltou do urso e perdeu os sentidos. Quando voltou a si, estava numa grande floresta, de modo

que resolveu seguir sua jornada, mas não sabia para onde o seu caminho a levava. Por fim chegou a uma casinha onde havia duas mulheres, uma velha e uma linda menina.

A filha do rei perguntou-lhes se tinham visto o rei Valemon, o Urso Branco.

“Sim, ele passou por aqui hoje cedo, mas ia tão rápido que você não vai conseguir alcançá-lo nunca”, disseram elas.

A menininha saiu correndo, pegou um par de tesouras de ouro e começou a brincar com elas de tal maneira, que pedaços de seda e tiras de veludo voavam a seu redor quando ela cortava o ar com as tesouras. Onde quer que a tesoura estivesse, nunca faltavam roupas.

“Mas essa pobre mulher, que tem de viajar para tão longe em estradas tão inóspitas, vai ter de trabalhar duro”, disse a menininha. “Ela tem mais necessidade dessas tesouras do que eu, pois vai ter de fazer roupas para si”, disse ela, e perguntou se podia dar as tesouras de presente à viajante. Sim, podia.

E então a filha do rei seguiu seu caminho pela floresta que parecia nunca acabar. Viagou durante todo aquele dia e durante toda a noite também. Na manhã seguinte, chegou a outra casinha. Ali também havia duas mulheres, uma velha e uma menininha.

“Bom dia”, disse a filha do rei. “Vocês têm alguma notícia do rei Valemon, o Urso Branco?”

“Não era você que estava com ele?”, perguntou a velha.

Era sim.

“Bem, sim, ele passou por aqui ontem, mas ia tão depressa que você não vai conseguir alcançá-lo”, disse ela.

A menininha estava brincando no chão com um frasco, que era de tal natureza que dele saía a bebida que a pessoa quisesse, e onde quer que o frasco estivesse, bebida era algo que nunca faltava.

“Mas essa pobre mulher, que tem de viajar para tão longe, por estradas tão inóspitas, vai sentir sede e vai enfrentar muitas outras dificuldades”, disse a menininha, e então perguntou se podia lhe dar o frasco. Sim, claro, podia.

A filha do rei pegou o frasco, agradeceu muito e seguiu seu caminho. Atravessou uma outra grande floresta durante todo o dia e toda a noite. Na manhã do terceiro dia, chegou a uma casinha, onde havia uma velha e uma menininha.

“Bom dia”, disse a filha do rei.

“Bom dia para você também”, disse a velha.

“Tem alguma notícia do rei Valemon, o Urso Branco?”, perguntou ela.

“Não era você que estava com ele?”, perguntou a velha.

“Sim, era eu.”

“Bem, sim, ele passou por aqui ontem à noite; mas ia tão rápido que você nunca mais vai conseguir alcançá-lo”, disse ela.

A menininha estava brincando no chão com uma toalha de tal natureza que, sempre que se dizia para ela, “toalha, ponha a mesa e sirva muitos pratos saborosos”, ela obedecia. E onde quer que a toalha estivesse, nunca faltava boa comida.

“Mas essa pobre mulher, que tem de viajar para tão longe por estradas tão inóspitas”, disse a menininha, “ela pode passar fome e ter de enfrentar muitas outras dificuldades; por isso vai precisar mais dessa toalha do que eu”, acrescentou, e perguntou à velha se podia lhe dar a toalha. Podia, sim.

A filha do rei agradeceu muito, e seguiu seu caminho. Foi para longe, para muito, muito longe, atravessou outra floresta durante todo o dia e toda a noite. De manhã, chegou a uma montanha que era tão íngreme quanto um muro e tão alta e tão grande que ela não conseguia ver onde a montanha terminava. Ali havia uma casinha também e, quando ela entrou, a primeira coisa que ela disse foi:

“Bom dia, vocês sabem me dizer se o rei Valemon, o Urso Branco, passou por aqui?”

“Bom dia”, respondeu a velha. “Será que você é a moça que estava com ele?”, perguntou.

“Sim.”

“Bem, ele passou muito depressa por aqui há três dias a caminho da montanha; mas filhotinhos não conseguem chegar lá em cima.”

Essa casinha estava cheia de crianças pequenas, todas elas agarradas à barra da saia da mãe chorando de fome. A velha pôs uma panela cheia de pedras no fogo. A filha do rei perguntou de que adiantava aquilo. Eram tão pobres, disse a velha, que não tinham comida nem roupas, e era tão duro ouvir as crianças chorando de fome... Mas, quando punha a panela no fogo e dizia “Logo as maçãs estarão cozidas”, parecia que isso diminuía a fome delas, pois ficavam quietas por algum tempo. A filha do rei

não demorou em tirar a toalha e o frasco de seu saco de viagem, como você bem pode imaginar; e, depois que as crianças ficaram saciadas e felizes, ela começou a cortar roupas para elas com as tesouras de ouro.

“Bem”, disse a dona da casa, “como você foi tão boa para mim e para meus filhos, seria uma vergonha não fazermos o possível para ajudá-la a escalar a montanha. Meu marido é realmente um mestre no trabalho com metais. Você pode descansar até ele chegar, pois vou lhe pedir para fabricar garras para seus pés e mãos; com isso você vai poder se agarrar às saliências da montanha e subir.”

Quando o ferreiro chegou, começou a fazer as garras imediatamente e, na manhã seguinte, estavam prontas. Ela não tinha tempo a perder, mas agradeceu, ajustou as garras nas mãos e escalou a montanha agarrando-se como podia às pedras e plantas, o que levou um dia e uma noite inteiros e, quando estava tão cansada a ponto de achar que não ia conseguir levantar a mão de novo, sentiu que podia se largar no chão, pois havia chegado ao topo. Lá havia um planalto, com campos e prados tão grandes e amplos como ela nunca imaginara que pudessem existir; e, ali perto, havia um castelo cheio de trabalhadores de todos os tipos, que labutavam como formigas num formigueiro.

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou a filha do rei.

Bem, era ali que ela vivia, a bruxa troll que enfeitiçara o rei Valemon, o Urso Branco, e dali a três dias ela se casaria com ele. A filha do rei perguntou

se poderia falar com ela. Não, impossível! Inteiramente fora de questão. A moça sentou-se embaixo de uma janela e começou a usar as tesouras de ouro. Roupas de veludo e seda voavam a seu redor como uma tempestade de neve. Quando a bruxa troll viu aquilo, desejou comprar as tesouras na mesma hora.

“Por mais que os alfaiates e costureiras trabalhem”, disse ela, “não adianta, é muita gente para ser vestida.”

As tesouras não estavam à venda, disse a filha do rei. Mas a bruxa troll poderia ficar com elas se a deixasse dormir com seu amado naquela noite. Claro que poderia, disse a bruxa troll. Mas *ela* o enfeitiçaria fazendo-o dormir profundamente, e só ela poderia acordá-lo. Na hora de ir para a cama, a bruxa deu uma poção sonífera ao rei Valemon, de modo que, por mais que a filha do rei gritasse e chorasse, nada no mundo o fazia acordar.

No dia seguinte, a filha do rei ficou novamente embaixo da janela, sentou-se e tirou a rolha do frasco, de onde começou a escorrer cerveja e vinho como se fossem rios que nunca secavam. Quando a bruxa troll viu aquilo, quis comprá-lo na mesma hora, porque por mais que trabalhassem na fermentação e na destilação, não adiantava. Havia muita gente querendo matar a sede, disse ela. Não estava à venda, disse a filha do rei, mas se pudesse passar outra noite com seu amado, o frasco seria dela. Sim, certamente ela poderia fazer isso, disse a bruxa troll. Mas ela o enfeitiçaria de novo e só ela poderia acordá-lo. Quando chegou a hora de dormir, a bruxa deu-lhe novamente um sonífero, de modo que

a filha do rei não teve mais sorte que na noite anterior. Por mais que ela chorasse e gritasse, não havia como acordá-lo. Mas, naquela noite, um dos artesãos estava trabalhando no quarto vizinho. Ouviu-a chorando ali e adivinhou o que havia se passado realmente; no dia seguinte, disse ao príncipe que *ela* devia ter vindo, a filha do rei que podia libertá-lo.

O dia seguinte foi como os outros. À hora do jantar, a filha do rei foi para fora do castelo e estendeu a toalha dizendo:

“Toalha, ponha a mesa e sirva muitos pratos saborosos”.

Apareceu ali comida para cem homens. Quando a bruxa troll viu a toalha, quis comprá-la imediatamente, porque por mais que cozinhassem e assassem, não adiantava. Eram bocas demais para alimentar, disse ela. A toalha não estava à venda, respondeu a filha do rei, mas, se a deixasse dormir com seu amado naquela noite, poderia ficar com ela. É claro que poderia, disse a bruxa troll. Só que *ela* o enfeitiçaria de novo e somente ela poderia acordá-lo. Depois de ir para a cama, a bruxa chegou com o sonífero, mas, dessa vez, o rei Valemon estava de sobreaviso e enganou-a. Deram a bebida num momento em que ela não estava olhando. A bruxa não confiou mais nele, não confiou mesmo, pois pegou uma agulha e espetou no seu braço para ver se ele estava dormindo mesmo. Mas, por mais que doesse, ele não se mexeu, e então a filha do rei teve permissão de se aproximar dele.

O encontro foi maravilhoso, como você bem pode imaginar. Mas para se libertarem mesmo, antes eles tinham de se livrar da bruxa troll. Então ele pediu aos carpinteiros que fizessem uma porta-armadilha sobre a ponte por onde deviam passar os noivos no dia do casamento, pois era costume ali que a noiva conduzisse o cortejo. Quando a bruxa troll começou a atravessar a ponte com todas as suas damas de companhia, as pranchas abriram-se e elas caíram. Então o rei Valemon e a filha do rei e todos os convidados correram de volta para o castelo e pegaram todo o ouro e todo o dinheiro da bruxa troll que conseguiram carregar; depois partiram para a terra dele onde celebrariam o verdadeiro casamento. Mas, no meio do caminho, o rei Valemon parou e pegou as três filhas que ele levava para longe da princesa – ela ficou então sabendo por que ele lhe tirara as filhas: para que pudessem ajudá-la a encontrá-lo. E, no grande banquete da festa de casamento, todos comeram e beberam até não poder mais.

(ASBJORNSEN)